

REALIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Roseli FISCHMANN*

Em primeiro lugar gostaria de agradecer o convite que me foi feito pela organização deste seminário. Fiquei bastante honrada e acho sempre muito importante esse contato da Universidade com quem está de fato na prática. Destaco que me coloco aqui com muita humildade, porque não tenho pretensão de ensinar "o Pai Nosso ao vigário", muito pelo contrário, preciso aprender ainda "o Pai Nosso". Graduei-me em Pedagogia e minha área de atuação é administração escolar - política de educação, por isso talvez possa trazer alguma contribuição, mesmo não pertencendo à área de Educação Física. Trabalhei na Rede Municipal da cidade de São Paulo durante bastante tempo e minha formação como educadora foi em uma escola de primeiro grau do antigo nível I, que abrangia de primeira à quarta série. Depois desempenhei outras funções na Rede Municipal e meus trabalhos na Universidade têm sido relativos à Escola Pública.

Eu havia preparado para abordar aqui alguns temas, e procurei tratá-los em função das falas daqueles que me precederam. Também tenho alguns pontos que gostaria de comentar: acho muito importante quando o trabalho flui assim de forma integrada. Vejam, na fala do Prof. Guilmar, alguns tópicos importantes foram levantados e acho que este aspecto que é sempre lembrado, ou seja, das origens da Educação Física.

Historicamente, coube à Educação Física o aspecto disciplinador, militarista, homogeneizador, o que é muito interessante, porque quando se levanta este dado, enfatiza-se certos aspectos da Educação Física de maneira injusta, porque vivíamos naquela época (a década de 30), numa escola que era inteira disciplinadora, homogeneizadora, militarista. Assim, falar apenas de uma disciplina é um profundo equívoco. Existem trechos da legislação educacional e pareceres que mesmo na década de 40 chegaram a colocar algo como "o rufar de tambores faça brilhar o sentimento nacionalista", "a marcha dos alunos", e por aí afora. Ou seja: a escola na década de 30 tinha essa característica. Cabe ressaltar um ponto ainda mais importante: essa escola, além de ser disciplinadora, homogeneizadora, era profundamente nacionalista. Além disso, a Educação Física surgiu num ambiente escolar que separava completamente corpo e mente como elementos absolutamente distintos. Porém, ao reportar-me à década de 30 surge a pergunta: será que agora, no início da década de 90, é diferente?

Talvez atualmente a questão do discurso nacionalista esteja atenuada de uma forma geral pelo momento político e histórico que vivemos. Passamos por uma fase de exacerbação do nacionalismo no período ditatorial, o qual logo depois passou a ser muito combatido. A escola, contudo, continua homogeneizadora, racionalista, disciplinadora.

Outro ponto importante é que a escola é vista hoje como uma instituição em crise. Tornou-se muito comum se falar na crise da escola, mas o que seria esta crise? Quem é o professor de Educação Física, e quais são as atividades de Educação Física nessa escola em crise?

Parece que nessa escola racionalizadora por excelência, o professor de Educação Física é o diferente, então ele faz coisas diferentes para os alunos, e isso é extremamente atrativo porque de fato a nossa escola é tremendamente chata, pois a criança fica sentada o tempo inteiro, ouvindo, ouvindo. E isto a despeito do dinamismo dos meios de comunicação de massa, por exemplo. A escola, além de tudo, é monótona e o professor de Educação Física é uma das exceções desse sistema; para o aluno, é a chance do movimento.

*Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Isto é também muito interessante, porque por ser o diferente, aquele que lida com a Educação Física acaba, como todo o diferente, por ser estigmatizado. Por exemplo, vem aí a idéia de que os melhores alunos nas aulas de Educação Física são os mais bagunceiros, que os mais estudiosos não servem para a Educação Física, etc.

A crise da escola tem assumido muitas facetas: tem olhos para o passado, com a sensação de que existiu uma escola boa, nos "bons tempos", e, quem sabe um dia, nós retornaremos a isso; é um saudosismo de quem viveu os "bons e velhos tempos", e é também um equívoco. Estamos à cata dos culpados: onde está a culpa e de quem é a responsabilidade pela crise da escola? Às vezes é a Universidade, às vezes a escola, ou o professor, depende de quem fala.

Existe uma situação que está aí, e o que menos importa é buscar culpados. Precisamos entender a realidade, simplesmente entendê-la. É a partir desta compreensão, que encontraremos caminhos, pois dentro da perspectiva do "culpado", também existe seu contraponto, que é a perspectiva da solução. Se descobro o culpado, ataco-o de alguma forma: se é a Universidade, dou à ela um "banho" de realidade, se é a Secretaria de Educação, dou um "banho" de reforma, se é o professor dou um "banho" de formação. Combato de alguma maneira. Façamos a seguinte analogia: o católico confessa, o padre dá uma penitência, ele cumpre a penitência e alivia os pecados.

Como o Prof. Medina colocou, é positivo que estejamos em dúvida. Viemos de uma época de muito dogmatismo e as dúvidas são profundamente angustiantes. Mas não adianta apenas entregar-nos a elas, temos que achar as saídas, começarmos a pensar caminhos.

Um ponto importante neste "pensar caminhos", é a busca da identidade, mesmo que isto pareça "vício psicologista". Identidade não se busca, se constrói, ela está sendo construída, e até um momento de crise, é um momento de construção de identidade, sim. Estamos colocando uma auto-crítica, estamos nos olhando de maneira mais clara, mas precisamos estar sempre construindo.

Na questão da identidade da escola, há um ponto importante: fala-se da escola, mas fala-se de fora; muitas vezes a escola nada diz sobre ela mesma; sofremos essa situação em todos os âmbitos da escola, inclusive na própria Universidade.

Isto significa que historicamente temos aqui no Brasil uma identidade, que é uma identidade burocrática da escola, aquilo que é determinado pelas leis, pelas normas e que muitas vezes não contempla o que é a realidade. Temos por outro lado, uma identidade que é idealizada, que vem dos nossos estudos, das nossas preocupações, de pesquisas que são feitas. Porém essa identidade idealizada, na maior parte das vezes, não corresponde à identidade burocrática, que é a visão das Secretarias, dos órgãos federais. Tenho chamado a isto, de "esquizofrenia pedagógica", pois é uma típica atitude esquizofrênica, fragmentada.

Já temos, do ponto de vista de constituição histórica da escola aqui no Brasil, algo muito confuso. O que é esse 1o. grau "diferente", que era primário mais ginásio? Continua sendo primário mais ginásio, e freqüentemente os professores dizem aos alunos que chegam na 5a. série: "não pensem que isto aqui é o primário, não pensem que aqui vai ter a tia que vai te ensinar etc.". Então o aluno sabe que há ali um corte dentro do primeiro grau, que é, mas não é; e há também um segundo grau que é, mas não é, ao mesmo tempo; é um segundo grau que está inteiro voltado para o vestibular. O aluno passa três anos de sua vida, preparando-se para o futuro, e isto em três anos fundamentais da vida: dos quinze/dezesseis aos dezoito anos. Este aspecto da fragmentação do conhecimento, do saber, como já foi levantado, é um saber com um fim específico que é o vestibular. Não se discute nem o papel do conhecimento na nossa vida. É esquizofrenia demais.

Já repararam essa questão da identidade da escola? Os próprios cursos não têm identidade, e, ainda mais, separa-se no aluno o corpo e a mente. Então como se pode pretender alguma coisa interessante? Parece que o grande desafio que vivemos hoje é o desafio da integridade: como chegarmos a uma escola íntegra, com pessoas íntegras, buscando atividades em comum, estudos em comum, sem essa separação dos que pesquisam e dos que falam? Há um autor francês Gilles Deleuze, que define as relações entre teoria e prática nos seguintes termos: a teoria caminha até um ponto e então encontra um muro, quando encontra esse muro, a teoria precisa da prática. Esta caminha e também encontra um muro; para atravessá-lo precisa da teoria. É um tipo de relação altamente produtiva, uma colaboração

mútua. Teoria e prática colaborando, não se sobrepõem. A prática não é só a aplicação da teoria, é algo muito mais rico.

No tocante à integridade do ser humano, um aspecto importante é a relação corpo-mente, tópico abordado por muitos autores, que tratam da repercussão de certas atitudes e emoções no físico, como Reich, por exemplo. Apesar dos laivos de modismo, esse estudo pode trazer contribuições importantíssimas para entendermos a integração corpo/mente. É necessário que se estude um pouco mais o que é Ioga, Tai-chi-chuan para que possamos aproveitar sua contribuição. Obviamente isso tudo tem um pano de fundo que para o Brasil é particularmente importante: a inter-relação da educação com a saúde, o que também tem sido escamoteado. Isto é algo que não podemos aceitar, pois o professor de Educação Física pode fazer essa ligação de forma privilegiada.

O que a saúde tem a ver com a educação, numa concepção ampla? Relacione-se isto, também, com a questão do meio ambiente. Estamos vivendo uma época da humanidade, em que as questões ambientais não podem ser deixadas de lado. Quando se trabalha a questão de um ser humano íntegro, a saúde está incluída, e isto numa concepção de um mundo mais harmonioso.

Tudo isso envolve uma mudança de mentalidade que é algo lento, envolve mudanças de atitudes, o que obviamente implica numa intenção das pessoas que trabalham na escola, e por isso tem a ver com a formação dos professores. Precisamos mais do que nunca somar esforços. Nesse sentido, um seminário como este é uma iniciativa da maior importância, porque reúne pessoas que estão atuando profissionalmente nas escolas, nas Secretarias, nas Universidades, para discutir o que é a Universidade hoje, o que a Educação Física oferece na escola e o que ela pode vir a oferecer.

Muitas vezes, quando se propõem coisas desse tipo, dizem: "mas é utopia, não vale a pena pensar, não vai chegar nunca". Acho que a pior atitude é a derrotista; claro que vivemos momentos extremamente difíceis em termos mundiais, e de Brasil, mas justamente por causa disso, mais do que nunca é preciso tentar, senão acabaremos sucumbindo. Um escritor francês -Bachelard -, cita uma frase que cabe perfeitamente à nossa discussão: "em quaisquer circunstâncias a vida toma muito para ter o bastante, é preciso que a imaginação tome muito para que o pensamento tenha o bastante, é preciso que a vontade imagine muito para realizar o bastante". É preciso muito sonho, muita proposta, para que a gente consiga realizar alguma coisa.